

Aspetos sintáticos das interrogativas-Q do Português de Moçambique ¹

Danifo Ismael Chutumia ²

dchutumia2010@hotmail.com

CLUP

Abstract

The aim of this study is to analyse the syntax of *wh* interrogatives of Mozambican Portuguese (MP), comparing them with those of European Portuguese (EP) and Brazilian Portuguese (BP). The data suggest that there are a few similarities in the *wh*-interrogatives of the three varieties of Portuguese. Notwithstanding these similarities, there are in MP interrogatives with the constituent *wh* on an intermediate position, which seems to be a particularity of this variety, revealing an innovative change in relation to the other two standards of Portuguese language.

Keywords: *wh* interrogatives; Mozambican Portuguese; *wh* movement.

1. Introdução

O Português em Moçambique é L2 para a maioria da população, que tem uma língua Bantu como L1. Assim sendo, o Português falado nesse país possui regras e traços gramaticais distintos do Português Europeu; como consequência, muitos locutores têm «competências múltiplas³», sendo o seu discurso gerado por traços e regras comuns às do PE mas também próprios da «nova» gramática.

Nos estudos sobre o Português de Moçambique, os linguistas são unânimes em afirmar que no Português oral ocorrem realizações linguísticas de algum modo “estranhas” à norma do Português europeu.

Neste contexto, são necessários estudos sobre as especificidades desta variedade africana do Português.

¹ Este artigo baseia-se na minha dissertação de mestrado com o título *As interrogativas-Q do Português de Moçambique: Contribuição para uma análise comparativa com o Português Europeu e o Português Brasileiro*, apresentada e defendida na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob orientação da Prof^a Doutora Ana Maria Brito, a quem agradeço. Uma palavra de reconhecimento também para a Dra. Nélia Alexandra, da FLUL, arguente principal da minha dissertação.

² Mestre em Linguística pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Assistente Estagiário na Universidade Pedagógica de Moçambique, Delegação de Maxixe.

³ Termo usado por Lightfoot, retomado em Gonçalves (2010).

O presente artigo faz uma abordagem sintática das interrogativas Q no Português de Moçambique (PM), comparando-as com as interrogativas do Português Europeu (PE) e do Português Brasileiro (PB). A análise dos *corpus* recolhido⁴ mostra não só semelhanças relativamente às interrogativas Q das outras variedades comparadas (PE e PB), como também assimetrias que revelam uma gramática inovadora relativamente às interrogativas, caracterizada, em particular, pela possibilidade de interrogativas com o constituinte Q numa posição intermédia.

Vejam os exemplos:

- (1) a. *Onde* esteve o João na noite passada?
b. *Onde* o João esteve na noite passada?
- (2) Os miúdos fizeram *o quê*?
- (3) *Quem que* chegou?
- (4) Vais *quando* à Beira?

Como os exemplos ilustram, as interrogativas Q do PM apresentam comportamentos semelhantes às do PE (preferência por interrogativas com movimento Q para posição inicial (cf. (1)), e às do PB (interrogativas com movimento Q mas sem inversão do sujeito-verbo (cf. (1b)), interrogativas com o morfema *in situ* (2) e interrogativas com o «COMP duplamente preenchido»⁵ (cf. (3)). Para além destes tipos, encontramos no PM interrogativas em que o morfema Q ocupa uma posição que chamamos *intermédia* (cf. (4)).

As interrogativas Q no PE e no PB foram analisadas por vários linguistas. Por isso, na próxima secção, faremos uma breve incursão pelas hipóteses apontadas para o tratamento destas interrogativas nos autores portugueses e brasileiros que consideramos mais importantes. No ponto 3. avançaremos para o estudo das interrogativas do PM e no ponto 4. faremos algumas conclusões.

⁴ O *corpus* sobre o qual trabalhamos é constituído a partir de quatro fontes: (i) os dados de Santos (2009); (ii) uma amostra constituída por frases obtidas a partir de tarefas de produção escrita provocada; (iii) juízos de gramaticalidade produzidas por falantes moçambicanos perante algumas frases fornecidas. Tanto em (ii) como em (iii) trata-se de estudantes (87) dos cursos propedêuticos universitários (CPU's) da Universidade Pedagógica Sagrada Família de Maxixe.

⁵ Esta é a designação de Chomsky & Lasnik (1977), numa fase dos estudos sintáticos em que o movimento *Wh* era concebido como movimento para COMP. Apesar de não ser essa a concepção atualmente aceite, vamos usar esta expressão ao longo do artigo.

2. Alguns tratamentos das interrogativas parciais

Nesta secção veremos em que aspetos os autores convergem e divergem nas perspectivas de abordagem estrutural das interrogativas Q, sobretudo no que concerne à análise da periferia esquerda de frase. Destacamos as hipóteses de Duarte (2000) e Ambar (2006) para o PE.

Duarte (2000) e Ambar (2006) são unânimes em afirmar que, no PE, o movimento Q para início de frase deve ser acompanhado de inversão sujeito-verbo (cf. (5)). Há, no entanto, duas situações de exceção: os casos em que o constituinte interrogativo é “*D-linked*” (formado por Det/Q_{int}+N) (6) e quando é usada a sequência “*é que*”, como no exemplo (7):

(5) O que comeu o corvo?

(6) Que vinho o João bebe habitualmente?

(7) O que é que o corvo comeu?

Apesar disto, estas autoras divergem nas perspectivas de abordagem estrutural das interrogativas Q.

Duarte analisa as interrogativas como SCOMP, em que um COMP sem realização lexical mas com os traços [+wh, +Foco] pode legitimar o sintagma-Q e motiva, em geral, o movimento dos constituintes Q para Esp de SCOMP.

Desenvolvendo Rizzi (1997) e (2004), Ambar (2006) assume que o domínio de SCOMP (CP) se desdobra em diferentes projeções e que os constituintes interrogativos se movem sempre para WhP, como se descreve em (8):⁶

(8) [_{AssertiveP} [_{Assertive'} [_{WhP} [_{Wh'} [_{FocusP} [_{Focus'} [_{IP}...]]]]]]]]]

Voltaremos a estas duas concepções quando analisarmos os dados de interrogativas Q no PM.

⁶ Amaral (2009) desenvolve Ambar (2006) quanto à periferia esquerda e acrescenta a categoria EvaluativeP.

3. As interrogativas Q no PM: uma abordagem sintática

Tendo como base os dados de produção provocada e um inquérito sobre juízos de gramaticalidade e também recorrendo às minhas intuições de falante desta variedade do Português, podemos afirmar que o PM contemporâneo exhibe os seguintes tipos gerais de interrogativas-Q:

- (9) O que os miúdos fizeram?
- (10) Quem que chegou?
- (11) Vais à Beira quando?
- (12) Vais quando à Beira?

Em (9) temos uma interrogativa com movimento Q para posição inicial, sem inversão sujeito-verbo; em (10) mostra-se que, tal como no PB, nesta variedade do Português ocorrem interrogativas com o «COMP duplamente preenchido», isto é, com a sequência Q+*que*; em (11) temos uma interrogativa sem movimento Q, i.e., com Q *in situ*, que pode adquirir duas interpretações, de verdadeira interrogativa ou de interrogativa em eco; e, por fim, em (12) encontramos uma interrogativa com o constituinte Q numa posição intermédia.

Nos próximos parágrafos vamos discutir e analisar cada um dos tipos de interrogativas.

3.1. O movimento Q, o movimento do verbo e a ordem SU-V

Um dos aspetos que mais sobressaem na produção de interrogativas parciais dos falantes do PM e nos dados do *corpus* é a tendência para optar por interrogativas do tipo Q...V; portanto, os falantes desta variedade do Português movem Q, preferencialmente, para a posição inicial de frase.

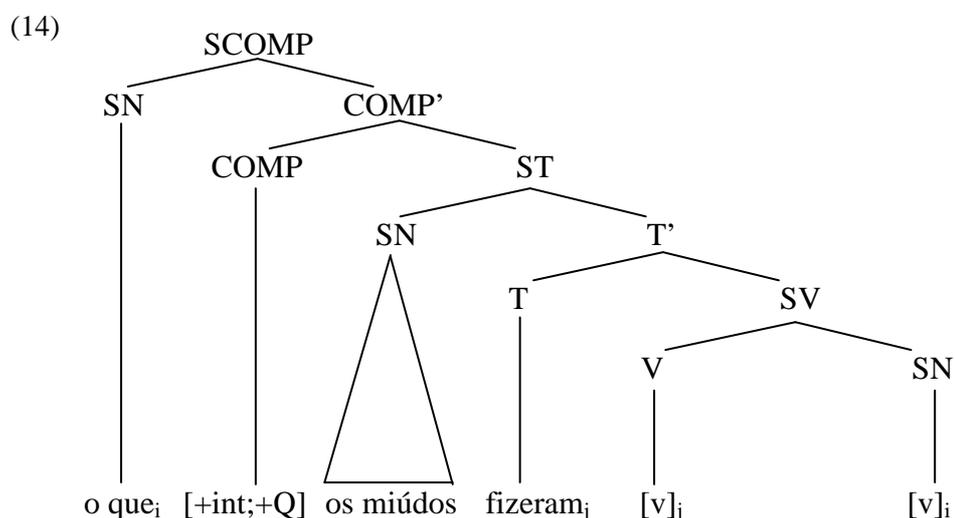
Isto acontece com verbos inergativos (13a), inacusativos (13b e 13e), transitivos (13c) e predicativos (13d). O sujeito ocupa a posição pré-verbal (13c, d) ou aparece omissivo (13e):

- (13) a. Quem tossiu?
- b. Quem chegou?
- c. O que os miúdos fizeram?
- d. Onde o João esteve na noite passada?
- e. Quando vais à Beira?

Em (13) temos frases com movimento do morfema-Q para a posição inicial de frase, que de acordo com Ambar (1992) e Brito (2003)) é a de Esp de SCOMP, motivado pela presença em COMP dos traços [+INT; +Q].

As frases com verbos transitivos (13c), diferentemente do PE, mostram que a ordem dos constituintes não é alterada, portanto, não se dá a «inversão sujeito-verbo». De acordo com Ambar (1992) tal inversão é obtida por um movimento longo de V para COMP.

Nos exemplos em análise, o verbo apenas se desloca para Tempo para adquirir os traços temporais, portanto, dá-se apenas um movimento curto de V, como se mostra na representação simplificada em (14):



Podemos, a partir desta análise, avançar a seguinte hipótese:

- (15) No Português de Moçambique (PM), a subida do verbo para COMP, que justifica a alteração da ordem de palavras, especificamente a chamada “inversão sujeito-verbo” nas interrogativas Q, não é obrigatória.

Quer dizer, existe no PM uma gramática inovadora relativamente ao PE sem a propriedade do movimento do V para COMP. Tal como acontece no PB, nas interrogativas Q do PM não é exigido que a expressão Q e o verbo finito sejam adjacentes.

3.2. A sequência “Q+que” nas interrogativas Q

De acordo com a minha condição de falante do PM, é possível ouvir com grande frequência frases com o «COMP duplamente preenchido», como em (16):

- (16) a. Onde *que* o João esteve na noite passada?
b. O que *que* os miúdos fizeram na noite passada?
c. Quem *que* chegou?

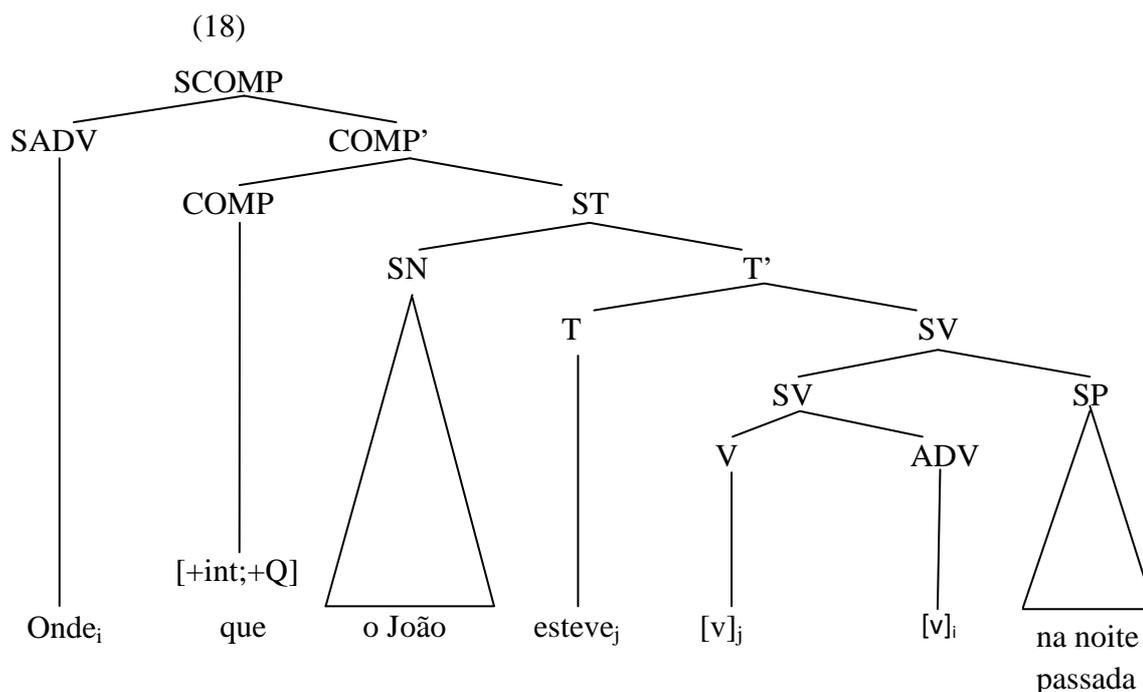
No inquérito realizado, estas interrogativas são tidas como pouco naturais, devido à presença do morfema *que* em posição pós-morfema Q e são das que tiveram maior número de incerteza (duvidoso) por parte dos falantes (ver Anexo). Ainda assim, parece haver alguma diferença nas respostas, pois as interrogativas de (16a) e (16c) ocorrem com maior frequência, relativamente às de (16b).

Em (16a) *onde* e *que* estão adjacentes. O mesmo fenómeno parece ocorrer também em orações relativas em textos escritos por estudantes moçambicanos⁷, estudados por Lindonde (2002), como se mostra no exemplo (17):

- (17) Nós artistas não temos sítios próprios [*onde que* podemos apresentar os nossos trabalhos].

Em relação a este tipo de relativas locativas, Lindonde afirma que “o *que* é um complementador, sendo gerado no núcleo de COMP, e *onde* na posição de Esp de SCOMP” (Lindonde, 2002:94-95). Adotando a mesma ideia, propomos que nas interrogativas do tipo *Q+que*, tal como nas relativas, o *que* é gerado no núcleo de COMP, e *onde* ocupa a posição de Esp de COMP, como se descreve simplifadamente em (18):

⁷ Lindonde trabalhou com um *corpus* escrito constituído por testes escritos de estudantes universitários moçambicanos do 1º do curso de Direito da U. Católica, em Nampula.



3.3. As interrogativas *Q in situ*

No PE, tal como no PB, há interrogativas em que os morfemas *Q* surgem numa posição interna à frase a que pertencem (*in situ*), seja ela uma posição argumental seja ela de adjunção.⁸ Este tipo de construção também ocorre no PM, como mostram os exemplos em (19):

- (19) a. Vais à Beira *quando*?
 b. Os miúdos fizeram *o quê*?
 c. Deste o livro *a quem*?

Nestas interrogativas, os morfemas interrogativos permanecem na sua posição baixa. Em (19a) temos o morfema *Q* adjunto com valor temporal (*quando*); em (19b) e (19c) temos morfemas *Q* argumentais: um objecto directo (*o quê*) e um objeto indirecto (*a quem*), respectivamente.

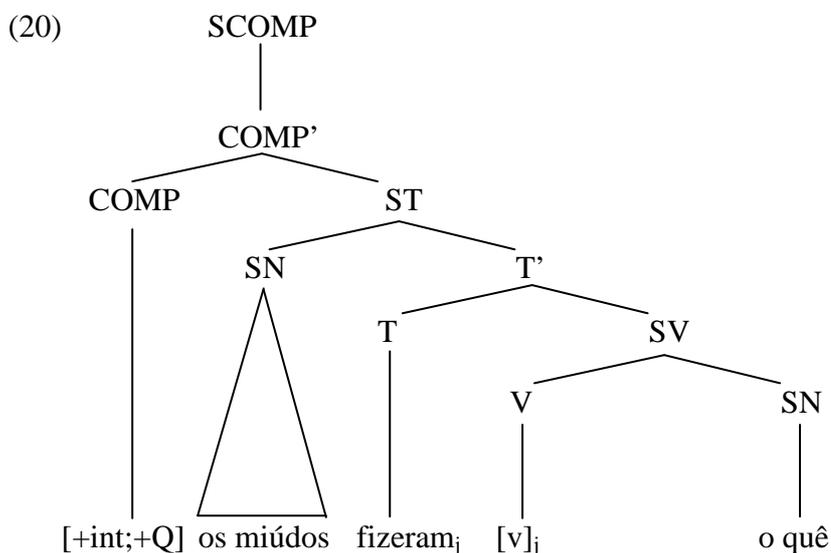
O PE e principalmente o PB apresentam interrogativas *Q in situ*. Este fenómeno tem justificado perspectivas de abordagem estrutural divergentes, que se relacionam

⁸ No presente artigo não consideramos interrogativas múltiplas que sempre têm um morfema *Q in situ*.

sobretudo com as concepções sobre a periferia esquerda da frase.⁹ Três soluções parecem possíveis para descrever a estrutura sintática deste tipo de frases.

- (i) “o *Q in situ* não se move” (Duarte, 2000). Para esta autora o *Q in situ* mantém-se na sua posição baixa, mas estabelece com COMP [+int] uma relação de acordo (*Agreement*) à distância.

Analisando frases interrogativas com *Q in situ* em PE, Duarte afirma que, por razões de economia, os constituintes-Q podem permanecer *in situ* e a interrogativa-Q é interpretada como interrogativa de eco. Assim, uma interrogativa como (19b) teria a seguinte representação (simplificada):



De acordo com esta visão, em (20) o único movimento que se observa é o do verbo para T, para verificar o traço de tempo. O morfema Q permanece na sua posição baixa; porém, mantém uma relação à distância com o COMP [+INT, +Q].

Contrariamente a esta proposta de Duarte (2000) há duas outras soluções para estas interrogativas, que consideram que, de qualquer modo, há movimento do constituinte Q.

⁹ As diferentes análises relacionam-se também com a diferença de interpretação verdadeira ou em eco. Assumimos neste artigo, tal como em Brito (2003) e Kato (2013), que as interrogativas *Q in situ* possuem duas interpretações: de eco e de verdadeiras interrogativas.

- (ii) Ambar (2006) e Amaral (2009) consideram que nas interrogativas *in situ* o constituinte Q se move para uma posição designada *WhP* e o resto da frase também se move mais para cima, por “*remnant movement*”.

Segundo esta análise a estrutura de (19b) seria como descrita em (21) e (22):

(21) [AssertiveP [Assertive' [[WhP [Wh' [FocusP [Focus' t_i [[TP os miúdos fizeram o quê]]]]]]]]]]

(22) [AssertiveP [os miúdos fizeram] k [Assertive' [[WhP o quê_i [Wh' [FocusP t_i [Focus' [[TP t_k t_i]]]]]]]]]]

Ambar (2006) e Amaral (2009), desenvolvendo Rizzi (1997) e (2004), considerarem que o sistema de *SCOMP* contém várias categorias funcionais que correspondem à periferia esquerda e que representam a relação entre o conteúdo de frase (TP) e o discurso.

Em (22) o fenómeno Q *in situ* resulta da aplicação do movimento Q para a categoria *WhP* nas interrogativas Q e de um *movimento remanescente (remnant movement)* do resto da frase para uma categoria funcional na periferia esquerda (AssertiveP).

Um ponto fraco desta abordagem, apontado por Alexandre (2009), é o seguinte: como é que uma interrogativa contém uma projeção funcional *AssertiveP*? Ou seja, “as interrogativas não possuem valor de verdade e, se as propriedades assertivas não estão presentes nestas construções, então uma projeção funcional assertiva não deve aparecer.” (Alexandre, 2009:122).

Num outro trabalho, Ambar & Veloso (2001) consideram que o *movimento remanescente* de TP em (22) é justificado pelo facto de nas construções Q *in situ* a primeira parte ser declarativa; e o *Pedro comprou algo* atribui um valor declarativo ao enunciado.¹⁰ As autoras, com base no contraste interpretativo entre o Q *in situ* e Q *inicial*, afirmam que a resposta a uma interrogativa Q verdadeira (23) e em eco (24) apresentar diferenças:

- (23) a. O João comprou *o quê?* (eco)
b. ?*Nada.

¹⁰ Do ponto de vista semântico, quer em interrogativas verdadeiras quer em interrogativas em eco há sempre uma implicação lógica (*O João comprou algo*).

- (24) a. *O que comprou o João?* (verdadeira interrogativa)
b. Nada.

Para Ambar (2006:114), em (23a), o falante já sabe ou pressupõe que *o João comprou alguma coisa*, e quer saber o quê. Deste modo, para alguns falantes há um contraste entre (23b) e (24b): (23b), contendo uma resposta negativa, não é uma resposta adequada a (23a).

Ainda assim, Alexandre (2009) considera que o problema reside na confusão entre asserção e pressuposição. E acrescenta: “se a questão (23a) é interpretada como uma interrogativa eco, a resposta não pode ser negativa. Mas, se interpretada como uma verdadeira interrogativa, a resposta negativa é gramatical porque não estará ligada discursivamente” (Alexandre, 2009:122).¹¹

Em síntese, Alexandre (2009), opondo-se à ideia de Ambar & Veloso (2001) e Ambar (2006), considera que as interrogativas *Q in situ* não parecem exigir um valor assertivo e, por via disso, não necessitam de uma projeção funcional *AssertiveP*. E sobre o movimento do morfema *Q* em interrogativas *Q in situ*, esta autora segue a opinião de Duarte (2000), segundo a qual há ausência de movimento *Q* nas interrogativas *in situ*.

Finalmente, interessa apresentar Kato (2013) sobre a existência de dois tipos de interrogativas *Q in situ*.

A partir de diferenças prosódicas, a autora encontra dois tipos de *in situ* no PB: (i) com entoação ascendente, quando a interpretação é de interrogativa eco (cf. (25a)) e (ii) com a entoação descendente, quando se trata de uma interrogativa verdadeira (cf. 25b)).¹²

- (25) a. Os miúdos fizeram *o quê?* ↑
b. Os miúdos fizeram *o quê?* ↓
c. Os miúdos fizeram um bolo? ↑

A frase (25a) é uma interrogativa eco, possui uma entoação ascendente e é um caso real de *in situ*, possuindo uma entoação semelhante à das interrogativas *sim/não*, como em (25c).

¹¹ Tradução minha.

¹² Embora esta distinção de prosódia seja interessante, não vamos fixar-nos nela em relação ao PM, pois os nossos dados, que na totalidade são resultado de aplicação de inquéritos escritos, não nos permitem perceber a diferença entre o *Q in situ* com a interpretação de eco e a de interrogativa *in situ* verdadeira.

Em (25b), pelo contrário, temos uma verdadeira interrogativa, tratando-se de um “falso” *in situ*.

Comparando a sua perspectiva com a análise de Ambar (2006), segundo a qual o Q *in situ* resulta da aplicação de *movimento remanescente (remnant movement)*, Kato aponta como ponto fraco desta abordagem o facto de esta não explicar por que razão o verbo não acompanha o morfema Q para *WhP* antes do *remnant movement*, quando o PE contém um Q inicial, em frases como *O que comprou o Pedro?* (cf. Kato (2013:182).

Dadas estas razões, Kato apresenta então uma terceira hipótese para as interrogativas Q *in situ*, que apresentamos em (iii):

- (iii) Apoiando-se em Belletti (1998)¹³, Kato considera que o constituinte Q *in situ* se move para uma posição acima de vP e que se justifica aceitar uma nova “área” funcional para categorias ligadas a Tópico e Foco junto de vP.

Para analisar estas interrogativas Kato (2013:183) baseia-se na estrutura de Belletti (1998) para o Italiano, segundo a qual acima de vP há um lugar para constituintes topicalizados ou focalizados:

(26) [CP [TP [Top [FocP [TopP [vP [VP ...

Quer dizer, para Kato, nas interrogativas Q *in situ*, não temos um movimento Q para a posição de Esp de SCOMP, mas, em vez disso, temos um movimento de um tipo mais curto para uma categoria funcional na periferia esquerda de vP. Por outras palavras, seja em interrogativas com Q inicial seja em interrogativas com o Q *in situ*, o morfema Q é sempre movido. Vejamos o exemplo (27):

(27) Você viu quem?

(27) teria a estrutura (28):

(28) [_{IP} você viu [_{FP} quem [_{vP} t_{você} t_{viu} [_{VP} [t_{viu} t_{quem}]]]]]] ↓

¹³ Belletti (1998) recorre às interrogativas Q dos dialectos do Italiano com o sujeito na posição pós-verbal para explicar esta ideia, como se mostra nos exemplos:

(1) Quando l'è venuta la Maria?
Quando ela_{cl}+tem vindo a Maria?

Nesta construção temos um clítico que normalmente sinaliza a inversão de SU nas frases declarativas. O sujeito mover-se-ia para uma posição baixa de Tópico.

Em (28), *quem* move-se para uma posição designada FP, à beira de vP, requerendo nesta posição um esforço nuclear e uma queda prosódica.

Aplicando a análise de Kato (2013) às interrogativas *Q in situ* do PM, o morfema Q mover-se-ia para uma posição designada FP, próxima de vP. A frase (25b) teria a estrutura em (29):

(29) [TP [OS miúdos fizeram [FP *o quê* [VP t_{os} miúdos t_{fizeram} [VP t_{fizeram} t_o quê]]]]]]

Antes de tomar uma posição sobre esta hipótese, analisamos no parágrafo seguinte um outro tipo de interrogativas do PM, pois ele vai servir para confirmarmos ou não a ideia de movimento Q parcial e a legitimação do constituinte Q movido.

3.4. O morfema Q na posição média: movimento parcial de Q?

Nos dados dos nossos inquéritos encontramos interrogativas com o Q numa posição intermédia¹⁴, como ilustram os exemplos:

- (30) a. Tu vais *quando* à Beira?
b. Fizeram *o quê* os miúdos?
c. Deste *a quem* o livro?

Interrogativas do tipo *SN V Q SX*, como as de (30), são pouco encontradas em PE e PB, mas, atualmente, ocorrem no PM e as respostas aos nossos inquéritos confirmam-no¹⁵.

Em (30) temos frases interrogativas com o morfema Q numa posição “intermédia”, isto é, o morfema Q não se encontra nem no início de frase nem na sua posição *in situ*. Em (30a) temos o advérbio interrogativo *quando* com valor de tempo e que na base deverá ser projectado como adjunto a SV; em (30b) um objecto direto a separar o verbo e o sujeito; em (30c) um objecto indireto a separar o verbo e o objeto direto.

Não ocupando estes constituintes a posição de Esp de SCOMP, a questão a discutir é se eles são movidos ou não e como são legitimados.

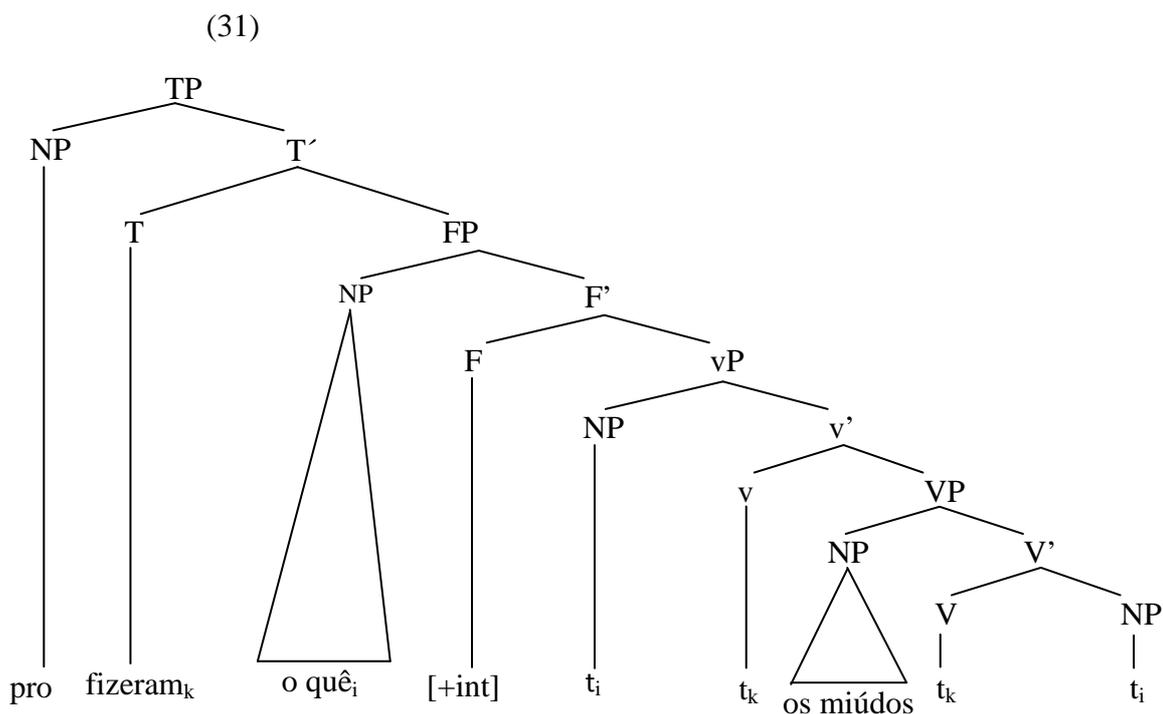
¹⁴ Estes dados do PM são confirmados por Santos (2009), no seu trabalho sobre as interrogativas diretas no Português de Maputo.

¹⁵ De acordo com a Dra. Nélia Alexandre estas construções também podem ser produzidas por falantes do PE na oralidade.

Vamos assumir que os constituintes Q quando ocupam esta posição intermédia são movidos.¹⁶ Mas podem colocar-se de qualquer modo duas hipóteses.

Hipótese 1: O movimento opera parcialmente e o constituinte Q é legitimado por um operador interrogativo na periferia esquerda de vP. De acordo com esta hipótese, o operador [+int] ocuparia o núcleo da categoria funcional intermédia FP, explorando as hipóteses de Belletti (1998) e Kato (2013).

Segundo esta hipótese teríamos a seguinte estrutura para (30b):

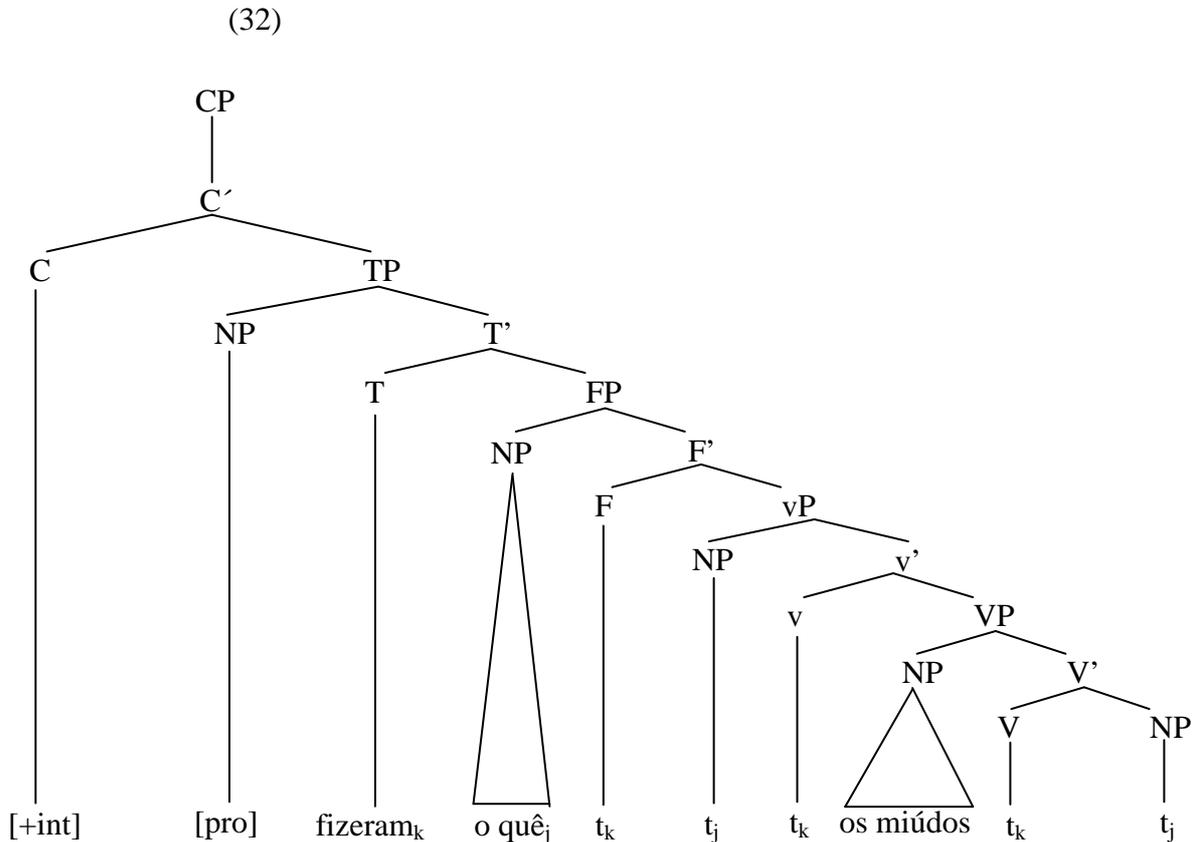


Apesar de os dados em (30) apontarem para o movimento parcial de Q, a hipótese de que o constituinte é legitimado pelo operador imediatamente acima de vP parece-nos pouco credível, pois temos vindo a assumir que, em construções interrogativas Q, o operador com os traços [+int] ocupa a posição do núcleo de CP.

¹⁶ Para dar conta de frases como (30b) poder-se-ia explorar uma hipótese alternativa, segundo a qual o constituinte *o quê* se move para a posição de Esp de vP para verificar caso acusativo; nesse caso não seria necessária uma posição intermédia FP. Em relação ao OI em (30c), se o Português, em particular o PM, tiver um padrão de ordem de palavras *V OI OD* pode colocar-se novamente a hipótese alternativa de o SPREP *a quem* ocupar uma posição adjacente ao verbo sem precisar de ser postulada a categoria intermédia FP.

Deste modo, uma segunda hipótese afigura-se necessária para dar conta da interpretação deste tipo de interrogativas Q.

Hipótese 2: O movimento Q opera parcialmente e o constituinte Q é legitimado por um operador [+int] em COMP por concordância à distância.



Seguindo esta hipótese, neste tipo de interrogativas existiria uma posição intermédia FP para acomodar o sintagma Q objeto direto, ocupando o sujeito uma posição pós-verbal. Mas, o operador interrogativo estaria em COMP. Cremos que esta é a hipótese mais unificadora e que permite incluir não só as interrogativas Q *in situ* analisadas em 3.3. como aquelas em que o movimento Q opera para uma posição intermédia.

Se assim for poderá manter-se a ideia clássica de Duarte (2000) e Alexandre (2009) segundo a qual o operador COMP [+int] ou legitima localmente o morfema Q ou legitima à distância um morfema dessa natureza, quer este esteja numa posição final quer este esteja em posição intermédia.

4. Conclusões

Neste trabalho pretendemos analisar as interrogativas Q no PM. A análise dos resultados de dados de produção e de juízo de gramaticalidade permitiu-nos identificar quatro tipos de interrogativas Q:

- (i) com movimento Q para posição inicial, com e sem inversão sujeito-verbo;
- (ii) com o chamado «COMP duplamente preenchido»;
- (iii) sem movimento Q, i.e., com Q *in situ* (verdadeira ou em eco);
- (iv) com movimento Q para uma posição intermédia.

O estudo permitiu chegar à conclusão de que, nesta variedade do Português, os falantes optam por interrogativas com movimento Q. Porém, diferentemente do PE, no PM a subida do verbo para COMP, que justifica a alteração da ordem de palavras, especificamente a chamada “inversão sujeito-verbo” nas interrogativas Q não é obrigatória. Tal como acontece no PB, nas interrogativas Q do PM não é exigido que a expressão Q e o verbo finito sejam adjacentes.

Relativamente ao fenómeno apresentado em (ii), ainda que pareça não ser tão frequente como nas relativas, é possível encontrar no *corpus* escrito interrogativas com a sequência Q+complementador *que*, embora as respostas dos inquéritos não sejam muito claras.

Na análise das interrogativas verdadeiras *in situ* discutimos três hipóteses, (i) a de Duarte (2000), que assegura que, nestas construções o morfema Q permanece *in situ*, sendo legitimada à distância por COMP [+int]; (ii) a posição de Ambar (2006) e Amaral (2009), que consideram que o constituinte Q se move para uma posição designada *WhP* e o resto da frase também se move mais para cima, por “*remnant movement*”; (iii) finalmente a de Kato (2013), que considera que o constituinte Q *in situ* se move para uma posição acima de vP, que a autora designa FP, uma nova “área” funcional para categorias ligadas a Tópico e Foco junto de vP.

Assumimos que nas interrogativas Q *in situ* os morfemas-Q não se movem e são legitimados pelo operador COMP [+int] à distância, tal como propõe Duarte (2000).

Relativamente ao fenómeno que ocorre em (iv) aventámos duas hipóteses, (i) o movimento opera parcialmente e o constituinte Q é legitimado por um operador na

periferia esquerda de vP; (ii) o movimento Q opera parcialmente e o constituinte Q é legitimado por um operador Q em COMP, isto é, trata-se de um caso de concordância à distância. Cremos que a hipótese mais provável e unificadora é a de que o operador interrogativo está em COMP.

Julgamos que ainda há muito que discutir sobre as interrogativas Q no PM, sobretudo no que tange à sua relação com as línguas Bantu; seria ainda interessante fazer um estudo relativamente à prosódia das interrogativas Q.

5. Referências Bibliográficas

ALEXANDRE, N. M. P. (2009). *Wh-construction in Cape Verdean creole: extension of the copy theory of movement*. Tese de Doutoramento, FLUL.

AMARAL, D (2009). *Algumas construções-Wh em Português europeu*. (Dissertação de mestrado), FLUL.

_____ (2009a). Interrogativas-WH: Periferia Esquerda e Fases. *Textos Seleccionados. XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, pp. 61-79.

AMBAR, M. (1992). *Para uma Sintaxe da Inversão Sujeito-Verbo em Português*, Lisboa: Edições Colibri.

_____ Veloso, R. (2001). On the nature of wh-phrases – wh-in-situ and word order. In: D'Hulst, Y.; Roorick, J.; Shroten, J. (orgs.). *Romance languages and linguistic theory*. Amsterdam: John Benjamins.

_____ (2006). *Gramática Comparada – Tópicos de Sintaxe*. Relatório apresentado em Provas de Agregação, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

BELLETTI, A. (1998). Agreement Projections, In: M. Baltin & C. Collins (orgs.) *The Handbook of Syntactic Theory*, Blackwell.

BRITO, A. M. (2003). As frases interrogativas. In MATEUS, et al. *Gramática da Língua Portuguesa*, 7ªed; Lisboa: Editorial Caminho, pp. 460-479.

CHOMSKY, N. & LASNIK, H. (1977). Filters and Control. *Linguistic Inquiry*, 8, 3, pp. 425-504.

CHUTUMIÁ, D. (2013). *As interrogativas-Q do Português de Moçambique: Contribuição para uma análise comparativa com o Português Europeu e o Português Brasileiro*, Dissertação de Mestrado em Linguística, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

DUARTE, I (2000). Português europeu e Português brasileiro – 500 anos depois: a sintaxe. Comunicação apresentada no *Congresso Internacional dos 500 Anos de Língua Portuguesa no Brasil*. Universidade de Évora (não publ.).

GONÇALVES, P. (2010). *A Génese do Português de Moçambique*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

KATO, M. (2013). Deriving “wh-in-situ” through movement in Brazilian Portuguese. In Camacho-Taboada *et al.* (orgs). *Information Structure and Agreement*, John Benjamins Publishing Company, pp. 175-191.

LINDONDE, L. M. (2002). *As relativas locativas e outras construções aparentadas, introduzidas pelos morfemas “onde” e “em que” no Português de Moçambique*, Dissertação de Mestrado, FLUP.

RIZZI, L. (1996). Residual Verb Second and the *wh*-Criterion. In Belletti, A. & Rizzi, L. (orgs). *Parameters and Functional Heads. Essays in Comparative Syntax*. Nova Iorque: Oxford University Press.

_____ (1997). The fine structure of the left periphery. In *Elements of Grammar. Handbook in Generative Syntax*, Liliane Haegeman (ed.), pp. 281-337. Dordrecht: Kluwer.

SANTOS, Elda (2009). Alguns aspectos da sintaxe das interrogativas parciais directas no Português de Maputo. In DIAS, H. N (org.) *Português moçambicano: estudos e reflexões*, Imprensa Universitária, Maputo, pp. 95-155.

Anexo

Tarefas de juízos de gramaticalidade

Indique o seu juízo de gramaticalidade relativamente às frases abaixo, marcando-as com “OK” (bem formada); “?” (pouco natural ou “duvidoso”) e “*” (inaceitável e agramatical).

Frases interrogativas	OK	?	*
1. a. Quem tossiu?			
b. Quem é que tossiu?			
c. Tossiu quem?			
d. Quem que tossiu?			
2. a. O que comeste ao almoço?			
b. Comeste o quê ao almoço?			
c. Ao almoço comeste o quê?			
d. O que é que comeste ao almoço?			
e. Que que comeste ao almoço?			
f. O que que comeste ao almoço?			
3. a. Quando vais à Beira?			
b. Vais quando à Beira?			
c. Vais à Beira quando?			
d. Quando é que vais à Beira?			
e. Quando que vais à Beira?			
4. a. O que estás a fazer?			
b. O que é que estás a fazer?			
c. Estás a fazer o quê?			
d. Que que estás a fazer?			
e. O que que estás a fazer?			
5. a. Quem chegou?			
b. Quem que chegou?			

c. Quem é que chegou?			
d. Chegou quem?			
6. a. Onde é que o João esteve na noite passada?			
b. Onde que o João esteve na noite passada?			
c. Onde o João esteve na noite passada?			
d. Onde esteve o João na noite passada?			
7. a. O que os miúdos fizeram?			
b. Fizeram o quê os miúdos?			
c. Os miúdos fizeram o quê?			
d. O que que fizeram os miúdos?			
e. Que que fizeram o quê?			
f. O que é que os miúdos fizeram?			
8. a. Perguntei que os miúdos fizeram.			
b. Perguntei que é que os miúdos fizeram.			
c. Perguntei o quê os miúdos fizeram.			
d. Perguntei o que é que os miúdos fizeram.			
9. a. A quem deste o livro?			
b. Deste a quem o livro?			
c. Deste o livro a quem?			
d. A quem é que deste o livro?			

Resultados da tarefa de juízos de gramaticalidade (%)¹⁷

Juízo	P1a	P1b	P1c	P1d	P2a	P2b	P2c	P2d	P2e	P2f
Gramaticalidade										
Gramatical	70.1	41.4	2.3	4.6	81.6	18.4	18.4	43.7	3.4	6.9
Duvidoso	27.6	55.2	11.5	34.5	14.9	72.4	51.7	41.4	9.2	17.2
Agramatical	2.3	3.4	86.2	60.9	3.4	9.2	29.9	14.9	87.4	75.9
Juízo	P3a	P3b	P3c	P3d	P3e	P5a	P5b	P5c	P5d	P6a
Gramaticalidade										
Gramatical	54.0	21.8	14.9	87.4	2.3	81.6	6.9	65.5	6.9	86.2
Duvidoso	27.6	62.1	46.0	10.3	27.6	13.8	33.3	28.7	29.9	11.5
Agramatical	18.4	16.1	39.1	2.3	70.1	4.6	59.8	5.7	63.2	2.3
Juízo	P6b	P6c	P6d	P7a	P7b	P7c	P7d	P7e	P7f	P8a
Gramaticalidade										
Gramatical	5.7	43.7	66.7	58.6	29.9	36.8	9.2	4.6	66.7	11.5
Duvidoso	35.6	41.4	25.3	34.5	52.9	43.7	19.5	11.5	29.9	28.7
Agramatical	58.6	14.9	8.0	6.9	17.2	19.5	71.3	83.9	3.4	59.8
Juízo	P8b	P8c	P8d	P9a	P9b	P9c	P9d			
Gramaticalidade										
Gramatical	10.3	48.3	71.3	78.2	41.4	28.7	44.8			
Duvidoso	52,9	27,6	23.0	14.9	46.0	44.8	31.0			
Agramatical	36,8	24,1	5.7	6.9	12.6	26.4	24.1			

¹⁷ A frase 4 não foi considerada neste trabalho.